

Considerações sobre a formação e a evolução urbana de Macaíba – RN/Brasil (Século XIX-XX)

Geovany Pachelly Galdino Dantas

da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Natal – Brasil

geovanydantas@yahoo.com.br

Resumo: Objetiva compreender os condicionantes que permitiram a formação e a evolução urbana de Macaíba, estado do Rio Grande do Norte, tendo como referência os diversos contextos políticos, econômicos e sociais ocorridos entre a segunda metade do século XIX e início do século XX. Entende-se que a formação de Macaíba como povoação, a partir da existência da propriedade denominada de “sítio Coité”, e sua evolução como núcleo urbano guarda relação com a ocupação das terras às margens do rio Jundiá, dinâmica da atividade comercial e da consolidação do porto fluvial, o que contribuiu para o escoamento da produção agropecuária e para movimentação de comerciantes, transformando-a num dos mais importantes entreposto comerciais do estado no período. A abordagem realizada tomou como base os seguintes procedimentos metodológicos: a pesquisa bibliográfica, considerando-se a forma como Macaíba se inseriu no contexto da produção do espaço potiguar; e a pesquisa documental, através da busca de documentos e imagens que retratam a vida urbana no período em análise.

Palavras-chave: Cidade. Paisagem. Evolução urbana. Macaíba - RN

Introdução

Não é de hoje que o interesse acerca das questões atinentes à formação e à evolução das cidades chamam a atenção de pesquisadores da Geografia e de outras áreas de conhecimento. Há que se enfatizar desde já que não se pretende aqui fazer um exame exaustivo sobre essa temática. O desafio, ao longo deste artigo, consistirá em interpretar a cidade, enfocando uma realidade específica, que é a da cidade de Macaíba¹ (Figura 1), no Rio Grande do Norte, tendo como pano de fundo os fatores que contribuíram para sua formação e evolução. Cabe registrar, desde já, que os elementos que serão aqui apresentados se constituem numa leitura parcial, resultante de reflexões extraídas de uma pesquisa mais ampla que busca compreender o processo de produção do espaço urbano macaibense.

¹ Macaíba é, atualmente, um dos 14 municípios que integram a Região Metropolitana de Natal (Natal, Parnamirim, São Gonçalo do Amarante, Macaíba, Ceará-Mirim, Extremoz, São José do Mipibu, Nísia Floresta, Monte Alegre, Vera Cruz, Maxaranguape, Ielmo Marinho, Goianinha e Arês). De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população estimada do município de Macaíba para o ano de 2017 foi de 80.031 habitantes.



Figura 1 – Localização do município de Macaíba no contexto da Região Metropolitana de Natal

Fonte: Elaboração a partir de imagem do Google Earth Pro (2017).

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é compreender os condicionantes que permitiram a formação e a evolução urbana de Macaíba, tendo por fundamento os diversos contextos políticos, econômicos e sociais ocorridos no estado do Rio Grande do Norte (RN). Parte-se do pressuposto de que o surgimento de Macaíba como povoação em meados do século XIX e sua evolução como núcleo urbano está diretamente relacionado a importância de sua localização para efetivação dos fluxos comerciais que se estabeleceram entre o litoral e o interior do estado.

Como forma de estabelecer um melhor recorte para a discussão, entende-se que alguns aspectos são basilares para que se possa compreender como Macaíba surgiu e se consolidou como núcleo urbano. Primeiro, que esse processo guarda relação com os movimentos de ocupação e do estabelecimento de atividades econômicas, tendo por base a concessão de vastas extensões de terras, visando consolidar a conquista do território potiguar nos séculos XVII e XVIII. Em segundo lugar, há que se considerar o papel que os fluxos de comércio realizados a partir do rio Jundiá tiveram para a criação do porto e o estabelecimento das bases para a formação do povoado que deu origem a Macaíba. Por fim, que a forma como se estruturou o núcleo urbano de Macaíba ao longo do tempo refletiu os interesses dos diversos agentes envolvidos na produção da cidade, dentre eles os proprietários de terra e os comerciantes.

O recorte temporal que se circunscreve à análise corresponde ao período entre a formação do povoado em meados do século XIX e a primeira metade do século XX. Para a concretização do objetivo aqui proposto, os procedimentos metodológicos utilizados

consistiram da pesquisa bibliográfica sobre a produção do espaço potiguar e sobre a história de Macaíba, bem como da pesquisa documental, onde se levantou documentos e imagens históricas da cidade e da vida urbana de Macaíba no período em análise².

Na primeira parte do texto, apresenta-se uma breve discussão teórica, tendo por base os conceitos de cidade e paisagem urbana. Já no segundo tópico, analisa-se o contexto em que se deu a formação de Macaíba como povoado e de que forma se deu a evolução do seu quadro urbano.

A cidade e a paisagem urbana

Na literatura que discute a evolução da cidade, é possível se observar o quanto ela exerceu um papel de relevo como espaço privilegiado para a estruturação de toda uma rede de relações, sejam elas internas ou mesmo entre diversas cidades, da mesma forma em que expressaram (e ainda expressam) as diversas dinâmicas e transformações ocorridas na sociedade ao longo do tempo.

Assim, um ponto de partida torna-se essencial: a cidade pode ser compreendida como o resultado de uma produção social ao longo do tempo. Sua análise, portanto, deve levar em consideração não apenas a sua realidade atual, mas também a forma como ela foi produzida e como essa produção se relaciona com as transformações que se verificam na dinâmica da sociedade. Tal como escreve Lefebvre (2015, p. 51), “a cidade sempre teve relações com a sociedade em seu conjunto, com sua composição e seu funcionamento, com seus elementos constituintes [...], com sua história. Portanto, ela muda quando muda a sociedade no seu conjunto”.

Carlos (2007) considera a cidade como um produto histórico-social, pois, ela é o resultado do trabalho materializado, acumulado através de ações que se realizaram ao longo do tempo. Sendo o resultado do trabalho humano no decorrer do tempo, a cidade vai apresentar uma organização que ajuda a explicar a forma como a sociedade se relaciona com o espaço. Nesse sentido, ainda de acordo com Carlos (2007, p. 20):

Expressão e significação da vida humana, a cidade a revela ao longo da história, como obra e produto que se efetiva como realidade espacial concreta em um movimento cumulativo, incorporando ações passadas ao mesmo tempo em que aponta as possibilidades futuras que se tecem no presente da vida cotidiana.

² Na etapa da pesquisa documental, foi de grande importância a contribuição dada pelo Instituto Tavares de Lyra – Macaíba, Rio Grande do Norte no acesso ao acervo sobre a história da cidade.

As transformações ocorridas no conjunto da sociedade, levam a cidade também a passar por mudanças que fazem com que os diversos elementos constitutivos da espacialidade urbana estejam constantemente sendo modificados. Lefebvre (2015, p. 52) considera que “a cidade tem uma história; ela é a obra de uma história, isto é, de pessoas e de grupos bem determinados que realizam essa obra nas condições históricas”.

Assim, uma observação mais detida da paisagem urbana, permite revelar os diversos processos e agentes envolvidos na produção da cidade ao longo do tempo e quais os interesses envolvidos. Ao mesmo tempo, revela a existência de um conjunto de elementos herdados de momentos anteriores. Santos (2014, p. 72-73) ressalta que a paisagem “não se cria de uma só vez, mas por acréscimos, substituições [...]. Uma paisagem é uma escrita sobre a outra, é um conjunto de objetos que têm idades diferentes, é uma herança de muitos diferentes momentos”.

Para Carlos (2007, p. 33) a paisagem “revela uma história, o passado inscrito nas formas geradas por tempos diferenciais acumulados, mas sempre atuais, sincrônicos e diacrônicos, que produzem uma impressão apreendida pelos sentidos”. Dessa forma, na paisagem urbana podem estar contidas um conjunto de formas representativas e, conseqüentemente, de conteúdos e de fluxos que lhes conferiram movimento em diferentes momentos históricos, revelando a coexistência de formas e objetos de diferente período históricos.

Luchiari (2001, p. 12) destaca que “as mudanças morfológicas na paisagem não são inócuas e não podem ser analisadas independentemente das práticas sociais”. A paisagem urbana, nesse sentido, também será a expressão da história de como a sociedade se transforma. Quer seja por meio das mudanças arquitetônicas, da disposição dos espaços e logradouros públicos, bem como, dos usos conferidos a esses espaços, vai se revelando a forma como os indivíduos conferiram ao longo do tempo sentido e representatividade a cada fração da cidade.

Na medida em que a cidade se apresenta como um produto histórico resultante das dinâmicas engendradas pela sociedade, é importante que se considere como as transformações ocorridas se relacionam com cada período histórico, da mesma forma que é importante que se considerem os agentes responsáveis por essas mudanças e os interesses que estiveram subjacentes a atuação de cada um deles.

Observar a paisagem urbana de Macaíba na atualidade, é perceber como o passado e o presente se entrecruzam tanto por meio de diversos objetos existentes no espaço, como por meio da disposição do partido urbanístico, ou seja, daquelas que são as ruas e avenidas mais antigas da cidade. No próximo tópico será discutido o processo de formação e evolução urbana

de Macaíba, tendo como pano de fundo o papel que esse núcleo exerceu como centro comercial e suas relações com o rio Jundiá, seu principal curso fluvial.

Elementos para compreender a formação e a evolução urbana de Macaíba

Surgida como povoação ainda em meados do século XIX, a história da formação do espaço urbano de Macaíba se relaciona aos diversos movimentos que impulsionaram a produção do espaço norte-rio-grandense ao longo do tempo. Tomando-se como base esse fio condutor de pensamento, concorda-se com Santos (2014, p. 103) quando afirma que “uma situação geográfica, ou seja, o que um lugar é, num determinado momento, sempre constitui o resultado de ações de diversos elementos, que se dão em diferentes níveis. Esses elementos são variáveis, pois mudam de significação através do tempo”. Abreu (2011, p. 33), por sua vez, destaca que “cada lugar é, ao mesmo tempo em cada momento histórico, o ponto de interseção de processos sociais que se desenvolvem em diversas escalas”.

É dentro desse quadro de referência, bem como da pesquisa dos autores que se debruçam sobre a história de Macaíba e das observações realizadas na realidade urbana atual, que se identificam os elementos que podem explicar como se deu a configuração do seu núcleo urbano.

O primeiro desses elementos se refere a localização geográfica de Macaíba no contexto do Rio Grande do Norte. Nesse sentido, verifica-se que seu núcleo urbano surgiu numa área para onde, ao longo do tempo, passaram a convergir diversas rotas terrestres que faziam a ligação entre o litoral e as regiões agreste e sertão, conferindo-lhe o papel de ser não apenas um local de passagem, mas, num ponto onde convergiam parte da produção agrícola e pecuária de diversas regiões do estado.

Tal papel se constituiu em função dos diversos movimentos gerados do processo de interiorização da ocupação do espaço potiguar. Nesse sentido, há que se destacar a importância que a pecuária teve para o estabelecimento das interações entre o litoral e o interior do estado, tendo como base as rotas estabelecidas quando do deslocamento dos rebanhos das áreas de criação em direção às áreas consumidoras, também chamadas de “caminhos do gado” (CLEMENTINO, 1990; MONTEIRO, 2007).

O segundo elemento está relacionado ao seu quadro natural, tendo em vista o fato de que o sítio onde a cidade surgiu se localizar na margem esquerda do rio Jundiá, o que propiciou o estabelecimento de um porto fluvial. Assim, quando se considera o processo de produção do espaço norte-rio-grandense, há que se considerar a importância que a ocupação ao longo dos vales fluviais teve, tendo em vista o fato de ser um território que está

majoritariamente inserido numa porção semiárida onde o regime fluvial é fortemente influenciado pelas características climáticas aí encontradas.

Esse processo esteve historicamente ligado à produção da cana-de-açúcar, nas porções territoriais mais voltadas para o litoral, e na atividade criatória, que estendeu sua presença pelo agreste e sertão, tendo os vales fluviais como áreas fundamentais para o estabelecimento dessas atividades e para os assentamentos populacionais (CLEMENTINO, 1990; MONTEIRO, 2007; FELIPE, 2010).

Discorrendo sobre as condições naturais e as diversificações regionais existentes na região Nordeste, Andrade (2005, p. 73) destaca o papel econômico da ocupação ao longo das margens dos cursos fluviais quando afirma que as “cidades localizadas a alguma distância do mar, por trás da área ocupada pelos mangues no ponto terminal do trecho fluvial navegado formavam portos para onde convergiam os produtos das grandes áreas do interior.

Do exame das referências que tratam sobre a história de Macaíba ou de sua inserção no contexto da produção do espaço potiguar, verifica-se como a constituição do porto do rio Jundiá foi importante para que fossem estabelecidas as bases para seu surgimento e sua expansão como núcleo urbano, na medida em que daí se escoavam diversas mercadorias. Não é sem propósito que os primeiros versos do hino de Macaíba³ faça a evocação da importância que o aludido rio teve para sua história.

Aproveitando o fato de ser uma área que sofria a influência dos fluxos das marés, esse porto serviu, durante a segunda metade do século XIX, como meio de escoamento das diversas mercadorias agrícolas e pecuárias provenientes das demais regiões do estado em direção a Natal e, também, fora do estado. Sobre isto, Souza (2008, p. 46) afirma que “É bem de ver a importância que teve neste intercâmbio a navegação do rio Jundiá que, não sendo perene, foi, todavia, favorecido pelo crescimento das marés, permitindo acesso aos botes e barcasas”.

A ocupação das terras onde está situada na atualidade a cidade de Macaíba ocorreu no contexto das frentes de ocupação territorial que se estabeleceram no início do século XVII, logo após a fundação de Natal, capital do estado. Assim, um terceiro elemento que se destaca em relação a formação urbana de Macaíba diz respeito aos interesses ligados a propriedade da terra, visto que a ocupação da área onde surgiu e se desenvolveu a cidade foi marcada pela existência de diversas propriedades que foram ao longo de tempo dando espaço aos primeiros arruamentos e, com efeito, a expansão da cidade.

³ O hino de Macaíba foi instituído pela Lei 1.343, de 26 de abril de 2007, tendo letra e arranjo do Maestro Camilo Henrique Dantas Soares (MACAÍBA, 2007).

Tendo como base as leituras dos trabalhos de Rodrigues (2006), Lyra (2008), Medeiros Filho (2010) e Teixeira (2014; 2015), é possível se observar como as terras localizadas no entorno da recém-criada capital foram, ao longo do tempo, se tornando objeto de interesse por parte dos colonizadores, principalmente para o estabelecimento das atividades agropastoris, o que também propiciou a condição para a formação de núcleos de povoamento. Como observa Rodrigues (2006, p. 34), “Passada a primeira fase de conquista do território, inicia-se a fase de ocupação das terras. A atividade econômica associada à ocupação do litoral seria principalmente a cana-de-açúcar, enquanto que o interior era colonizado pelas entradas do gado.”

A concessão de diversas sesmarias ao longo dos principais cursos fluviais do litoral oriental do estado foi fundamental para o processo de ocupação do estado (LYRA, 2008; MEDEIROS FILHO, 2010; TEIXEIRA, 2014). De acordo com Santos (2010, p. 58), “já em 1614, existiam 185 doações de sesmarias, cobrindo as áreas das Ribeiras do Potengi, Jundiá, Pirangi, Mipibu (Trairi) e Ceará-Mirim”. Foram a partir dessas sesmarias concedidas ao longo do rio Jundiá e Potengi que se deram as condições para a ocupação da área em que, anos depois, surgiria o núcleo urbano de Macaíba.

Recorrendo-se a Dantas (1985) e Lyra (2016a), pode-se depreender que a construção do antigo engenho Potengi – posteriormente denominado de Ferreiro Torto – é indicativa das primeiras referências de ocupação existente no espaço onde está localizado Macaíba, ainda na primeira metade do século XVII. Para Lyra (2016a), entretanto, mesmo com um registro de ocupação tão antigo, não havia nesses movimentos iniciais de ocupação a intenção de se criar um povoado, mas, sim, de exploração da terra.

Os engenhos Ferreiro Torto e Cunhaú – sendo que este último foi o primeiro construído na capitania – foram os locais onde a produção do açúcar ocorreu de forma mais expressiva, considerando a realidade dessa cultura na economia norte-rio-grandense no período colonial (CLEMENTINO, 1990; LYRA, 2008; ARAÚJO, 2010; TEIXEIRA, 2014). Sobre os dois engenhos, Lyra (2008, p. 64) afirma:

O açúcar era apenas fabricado em dois engenhos: o Ferreiro Torto [...] e o Cunhaú [...]. Nesse último estava localizado o principal núcleo de população da capitania: setenta ou oitenta colonos e suas respectivas famílias. [...]. Afora Cunhaú, eram Natal, contando de 30 a 35 casas, e Ferreiro Torto os dois centros mais populosos. O resto da população estava espalhado pelas roças e fazendas.

Da leitura dos autores que escrevem sobre o período de conquista e ocupação da capitania do Rio Grande no século XVII, observa-se a lentidão com que se deu todo esse

processo, ainda se levando em conta o cenário que se estabeleceu após a conquista holandesa no território potiguar, notadamente dos massacres ocorridos no engenho Ferreiro Torto e nas localidades de Uruaçu, no município de São Gonçalo do Amarante, e Cunhaú, em Canguaretama (LYRA, 2008; MEDEIROS FILHO, 2010; SANTOS, 2010).

Em que pese a importância do Ferreiro Torto para a ocupação das terras no vale dos rios Jundiá e Potengi, foi somente ao longo do século XVIII e, principalmente, XIX que se dão as condições primordiais para o surgimento do povoado que deu origem a Macaíba. Foi do estabelecimento de propriedades destinadas à produção agrícola e à atividade criatória ao longo das margens do rio Jundiá que Macaíba foi paulatinamente surgindo como núcleo populacional. Três são essas propriedades: o sítio Coité (século XVIII), o engenho Jundiá (Século XIX) e a fazenda Barra (século XIX) (LYRA, 2009a; 2010b; 2016a; 2016b).

O quarto e último elemento preponderante para a formação urbana de Macaíba está relacionado ao papel do comércio como atividade que serviu para vinda de um contingente populacional e de como se aproveitou das potencialidades do rio Jundiá como alternativa de escoamento da produção e como via de comunicação, permitindo Macaíba se consolidar como um dos principais entrepostos comerciais do estado.

Nesse sentido, Cascudo (2010), Dantas (1985), Rodrigues (2006), Lyra (2009a; 2016a) e Souza (2008) destacam o papel de Fabrício Gomes Pedroza para o surgimento de Macaíba. Ao herdar as terras pertencentes ao “sítio Coité” em decorrência do matrimônio com uma das filhas de Francisco Pedro Bandeira, dono dessa propriedade, Fabrício Gomes Pedroza viu as possibilidades de nelas estender seus interesses visando a ampliação do comércio, abrindo a possibilidade para a criação de um povoado. Sobre a influência de Fabrício Pedroza na formação de Macaíba, Cascudo (2010, p. 316) ressalta:

Fixou-se no Coité. O rio Jundiá, subindo nas marés, coleava, riscando a terra convidativa. Era a boca da picada que levava ao sertão, o início dos *comboios*, a estação de pausa de quem demandava o litoral, especialmente buscando sal. Fabrício construiu armazéns de taipa, beirando o rio Jundiá. E um casebre para morar. Vila em 1879, comarca em 1882, freguesia em 1883, cidade em 1889, Macaíba contará sua existência da vinda desse Fabrício, numa *hégira* comercial e vitoriosa. De Coité que seria a cidade de Macaíba, Fabrício irradiou a energia irresistível para todo os quadrantes (grifo do autor).

Fabrício Pedroza exerceu forte influência na formação de Macaíba, tendo em vista a forma como se aproveitou das potencialidades das terras localizadas numa das margens do rio, do domínio que passou a exercer da atividade comercial, tendo como base os armazéns que construídos próximo ao porto que serviam para estocagem dos produtos que vinham das diversas partes do estado (DANTAS, 1985; LYRA, 2009a; CASCUDO, 2010). Toda a

dinâmica gerada em função do comércio possibilitou a atração de outros comerciantes para o povoado recém-formado e o surgimento da feira da cidade, que se configurou como uma das mais importantes praças de comércio naquele momento (DANTAS, 1985; RODRIGUES, 2006; SOUZA, 2008; LYRA, 2009a).

Com a dinâmica gerada pelo comércio e a vinda de pessoas de outras regiões do estado, bem como da Paraíba e de Pernambuco, a cidade foi ao longo do tempo se expandindo como aglomeração e suas ruas foram surgindo. De acordo com Silva (2012), as atuais ruas da Conceição, Dr. Pedro Velho (antiga rua São José) e Nair Mesquita (antiga rua do Comércio), bem como a rua Teodomiro Garcia (inicialmente denominada rua do Porto) foram as ruas que serviram de base para a estruturação do espaço urbano macaibense. Eloy de Souza traz, no seu livro “Memórias”, um relato sobre os anos em que morou nas antigas ruas do Porto e do Comércio:

Durante muito tempo residimos em Macaíba, numa casa que ficou na tradição da cidade como a “Casa do Porto”, por ser fronteira do desembarcadouro do rio Jundiá. Aí, nasceram Henrique e Irineu. Auta e João Cândio nasceram em 1876 e 1877, na casa nova da rua do Comércio, construída por mestre Timóteo a quem muito nos afeiçoamos (SOUZA, 2008, p. 37)⁴.

É nos relatos sobre a cidade, sob a forma de livros de memória, que é possível se encontrar indicações de como se deu sua evolução. É interessante destacar o fato de que mesmo essas descrições não se referindo a esses momentos iniciais, elas conseguem aproximar-se bastante e conferir uma dimensão bem fidedigna de como esse processo evolutivo ocorreu. A partir das experiências vivenciadas em Macaíba, Dantas (1985) destaca como a dinâmica comercial influenciou a formação dos seus primeiros arruamentos.

Tudo isto foi, como bem se pode avaliar, o que preponderantemente concorreu para o enriquecimento e a prosperidade de Macaíba, com o surgimento, quase que imediato, de suas oito ruas principais, hoje denominadas Teodomiro Garcia, Augusto Severo, Conceição, Francisco da Cruz, Pedro Velho Maurício Freire, Prudente Alecrim e Dona Emília. E em sequência tantas outras mais que completaram o desenvolvimento da cidade [...] (DANTAS, 1985, p. 30).

Também Vasconcelos (2010), ao escrever sobre Macaíba no período entre os anos 1950 e 1970, faz uma síntese de como a cidade se expandiu, colocando em evidencia os aspectos de espontaneidade que envolveu a constituição do seu tecido urbano ao longo do tempo

⁴ As pessoas a quem se refere o autor são seus irmãos: Henrique Castriciano de Souza, Irineu Leão Rodrigues de Souza, Auta Henriqueta de Souza e João Cândio Rodrigues de Souza. No que concerne a primeira das casas mencionadas, localizada na rua Teodomiro Garcia, funciona nos dias atuais a Biblioteca Municipal, enquanto que na segunda funcionou o Grupo Escola Auta de Souza, atualmente denominada Escola Estadual Auta de Souza.

O traçado urbano de Macaíba era o próprio. Começou assim: abria-se uma rua e, lá adiante, onde ela terminava, alguém construía um barracão bem no meio. A partir daí, a rua se dividia em duas e mais à frente, com cada uma das ruas abertas, voltava a acontecer o mesmo fenômeno urbanístico. O paroxismo desse desenho assumiu ares de volúpia nas Cinco Bocas, onde o casarão de Dona Mocinha e o bar O Gato Preto abriram cada uma de suas ruas em “Y”. Cada rua, uma boca. Cinco ruas, então, Cinco Bocas (VASCONCELOS, 2010, p. 29).

O local conhecido como as “Cinco Bocas”, também se destaca nos primeiros anos do povoado, pois, é onde se encontrava edificada aquela que é considerada a primeira residência da cidade e onde existia um cruzeiro (LYRA, 2010c). O nome se refere ao fato de ser neste ponto a confluência de 5 logradouros: as ruas Dr. Francisco da Cruz (também denominada de “rua da Cruz”), Baltazar Marinho, Prudente Alecrim e as travessas Coronel Batista e Afonso Saraiva (Figura 2).



Figura 2 – Largo das Cinco Bocas na atualidade – visão a partir da Rua Dr. Francisco da Cruz. Fonte: Acervo do autor (03 jul. 2017).

Outro elemento que contribuiu para a consolidação de Macaíba como núcleo urbano foi a construção das formas espaciais ligadas a religiosidade, onde se incluem os templos religiosos, mais precisamente da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição e da Capela São José, bem como do seu cemitério⁵. Tal como ocorria nas demais cidades brasileiras, esses espaços não apenas se constituem como elementos norteadores da formação urbana, mas também simbolizava a afirmação da influência católica na dinâmica da sociedade da época. Em Macaíba, esses espaços também contribuíram para a configuração da cidade, na medida em que

⁵ Outro templo religioso que pode ser destacado é a Capela de Nossa Senhora da Soledade, construída nos anos de 1920.

tiveram suas respectivas construções situadas no mesmo momento em que buscava sua consolidação como núcleo urbano.

A influência exercida pela Igreja na conformação da estrutura urbana se constitui num fator fundamental para compreender a maneira como as cidades se desenvolveram na realidade brasileira. Neste sentido, a cidade no Brasil não se constituiu, exclusivamente, como espaço da aglomeração demográfica, das relações econômicas e como centro político-administrativo, mas também como centro primordial do poder religioso, notadamente da Igreja Católica.

Analisando as cidades brasileiras no período colonial, Azevedo (1994, p. 63) observa que “os aglomerados urbanos eram, antes de tudo, o lugar onde se faziam as compras indispensáveis ao bem-estar dos habitantes e onde se realizavam os negócios, como também o ponto de concentração da vida religiosa”. Ainda no que concerne à influência exercida pela Igreja na conformação da realidade urbana no Brasil, o citado autor assevera:

era a presença da *Igreja* a grande força catalisadora, a cuja influência ninguém ousava resistir. Principal fator de coesão para os aglomerados nascentes, jamais cessou de constituir um motivo para a presença obrigatória não apenas da população urbana, mas também da gente da zona rural circunvizinha, que não titubeava em fazer sacrifícios para assistir às missas dominicais e não se furtava ao prazer de tomar parte nas festividades do calendário católico, oportunidades ansiosamente esperadas numa época de vida social tão restrita (grifo do autor) (AZEVEDO, 1994, p. 64)

Tendo por base a referida passagem, não é nenhum exagero considerar que, mesmo tendo surgido em um contexto histórico posterior do analisado pelo referido autor, a construção dos templos religiosos também se constituiu, como já observado, num aspecto bastante representativo para a consolidação do espaço urbano de Macaíba, juntamente com a atividade comercial. Desta forma, esses espaços não eram apenas um elemento de afirmação da fé de um grupo, como igualmente serviu para consolidar a própria existência da cidade. Sobre esse último aspecto, Godoy e Bray (2003, p. 188) afirmam que a “oficialização de núcleos urbanos perante ao poder institucional dava-se com a edificação de uma capela que uma vez visitada por um cura, poderia promover o povoado à categoria de vila ou de cidade”.

Em Macaíba, as terras onde foram construídos o cemitério São Miguel e a Matriz de Nossa Senhora da Conceição resultaram de doações feitas por Fabrício Gomes Pedrosa, enquanto que a Capela São José⁶ teve sua construção efetivada nas terras pertencentes a

⁶ “No dia 19 de março de 1876, era inaugurada e benta pelo vigário de São Gonçalo do Amarante Manoel Fernandes de Lustosa Lima, com grande assistência da população que a construiu com veneração. A história da capela de São José está intimamente ligada ao solar Caxangá, uma vez que encontra-se edificada nos nove hectares iniciais dessa propriedade, anteriormente denominada fazenda Barra. Segundo a escritura pública de doação feita

“fazenda Barra”, cujo proprietário era o Coronel Estevão José Barbosa de Moura (LYRA, 2009b; 2009c; 2016b). Considerando a literatura a respeito da história de Macaíba, não é possível identificar qualquer menção dos autores relacionada a mudanças de localização desses espaços, o que se depreende que os locais onde na atualidade eles se situam sejam basicamente os mesmos.

É importante neste ponto destacar que, durante muitos anos, tanto a igreja quanto o cemitério apresentaram uma peculiaridade no que concerne a localização no contexto das cidades, traduzido no fato que “estes dois equipamentos se confundiam entre si e ocupavam praticamente o mesmo espaço” (TEIXEIRA, 2006, p. 17). O referido autor destaca ainda que os conhecimentos científicos produzidos até àquele momento foram essenciais para a separação geográfica entre as igrejas e os cemitérios nas cidades do Rio Grande do Norte. Assim, “o cemitério despontava como uma das soluções para resolver o problema das epidemias que grassavam os centros urbanos, especialmente a partir do século XIX” (TEIXEIRA, 2006, p. 18).

Ainda que em Macaíba também tenha ocorrido a tradição de realizar sepultamentos no interior da Igreja – nos atuais ainda é possível ver no interior do templo algumas sepulturas –, é de se considerar, a partir das leituras de autores como Dantas (1985) e Lyra (2009c), que desde seus primórdios, tanto a Matriz de Nossa Senhora da Conceição quanto o Cemitério São Miguel já tenham surgidos em locais distintos.

Outro detalhe que chama a atenção em relação a esses dois espaços, diz respeito ao fato de que suas respectivas fachadas principais tenham sido construídas de frente uma para a outra. Dada as condições relativas a geomorfologia de Macaíba, é possível observar que o local onde foi edificada sua Igreja Matriz se situa, do ponto de vista da altimetria, num nível abaixo do local onde foi construído o seu cemitério. É preciso destacar que a área onde este último foi implantado em 1858 era, naquele momento, considerada afastada do núcleo de povoamento já existente. Sobre o local, Lyra (2009c, *online*) destaca que o mesmo “estava dentro das recomendações médicas em voga na época: ‘localizado fora do perímetro urbano, em um local elevado e arejado, cercado de árvores que ajudasse a limpar o ar’”. Neste sentido, o cemitério marcava, em último grau, os limites da cidade.

A pedra fundamental para a construção da Igreja Matriz foi lançada em 1858 e sua construção concluída somente por volta dos anos de 1900 (DANTAS, 1985; LYRA, 2009b). Durante algum tempo, o principal templo religioso do povoado foi a Capela São José. Em que

pelo coronel Estevão José Barbosa de Moura, aos 27 de fevereiro de 1874, eram 700 palmos (140 metros) de frente, por 200 palmos (400 metros) de fundo. O coronel Estevão Moura atendia a uma reivindicação da população de Macaíba, cuja matriz ainda estava em construção e que se deslocavam até o município de São Gonçalo do Amarante para a assistência religiosa.” (LYRA, 2016b, *online*).

pese o fato da criação da Freguesia de Macaíba (atual paróquia) ter acontecido somente em 1883⁷, a disposição para construção da Igreja é anterior. A partir de informações extraídas em documentos paroquiais datados de 1868, Lyra (2009b, *online*) registra que “Fabrício e a esposa D. Luiza Florinda ‘doaram em suas terças dez braças de terra em cada lado, inclusive o terreno em que se acha edificada a mesma capela (...) a Nossa Senhora da Conceição, Santos Cosme e Damião’”. Ainda no tocante ao processo de construção do templo principal, Dantas (1985, p. 49) afirma:

[...] já encontrou lançada, desde 1858, a pedra fundamental da Igreja Matriz, a capela e o seu altar mor bentos e inaugurados em 8 de dezembro de 1869 e a sua pia batismal existente desde 23 de junho de 1871. [...]. Contudo a construção da Igreja só prosseguiu a partir de 1882, sob os esforços e a dedicação do frade José Antônio de Maria Ibiapina, dando lugar a que, em 1883, a capela e o altar mor, bem como a pia batismal, fossem incorporados a Matriz, cuja inauguração de fato se deu a 8 de dezembro de 1900, com termino definitivo de sua construção somente na vigência paroquial do padre Marcos Santiago, que durou de 1869 a 1904.

No entorno da Matriz foi com o passar do tempo se estabelecendo e se consolidando a ocupação residencial, fazendo com que esse espaço se tornasse um dos principais locais para a vida social em Macaíba, das festividades civis e religiosas, dos eventos políticos, etc. Um exemplo disso, é que a construção do templo foi fundamental para afirmação dos festejos anuais dedicados à padroeira local, Nossa Senhora da Conceição. Registros apontam que as primeiras festividades alusivas à padroeira ocorreram no ano de 1861 (LYRA, 2010a)⁸.

Da leitura das referências que tratam sobre Macaíba, esses espaços sempre são apontados como elementos de destaque na paisagem urbana. Como já era de praxe, a monumentalidade da Igreja Matriz demarcava a influência da religião católica sobre a sociedade do momento. Além disso, o templo e as atividades que com o passar dos anos foram se firmando, era representativo de como o cotidiano se desenrolava na cidade. Sobre o aspecto da monumentalidade na configuração das cidades, Rodrigues (2001, p. 42) afirma que a

⁷ “*Freguesia de Macaíba*: Criada pela Lei Provincial n. 876, de 17 de março de 1883, que suprimiu a freguesia de São Gonçalo, transferindo para ali a sua sede. A sua invocação é N. S. da Conceição” (LYRA, 2008, p. 365, grifos do autor).

⁸ A partir dos registros pessoais de Maria Terceira da Silva Pedroza, Lyra (2010a, *online*) levanta algumas informações sobre o que seria a primeira festividade dedicada a Nossa Senhora da Conceição em Macaíba. Destaca o autor: “Um dos apontamentos diz respeito ao traslado da imagem da padroeira Nossa Senhora da Conceição da comunidade de Guarapes para o povoado da Macaíba. [...]. Em 1861, Antônio Pessoa de Araújo Tavares, marido de Guilhermina da Silva Pedroza, filha de Fabrício Pedroza, tendo empreendido viagem de negócios a Corte (Rio de Janeiro), trouxe uma imagem de Nossa Senhora da Conceição para sua esposa. [...] São notas de Terceirinha: ‘Acordaram as manas Guilhermina e Feliciano que o vulto da Imaculada Conceição, comprada na corte pelo meu cunhado Antônio Tavares para presentear a Guilhermina, deveria, com o consentimento do nosso pae (sic), ser imediatamente sagrado como orago da capela em construção na Macaíba’”.

“monumentalidade atua na dimensão do simbólico, dando visualidade, representando e valorizando as ideias, ações e concepções daqueles que a utilizam. Ela tem sempre uma razão de ser, a qual pode estar bem explicitada ou não.”

Ainda hoje, em qualquer exame que se faça da paisagem urbana de Macaíba, não é possível deixar de considerar o simbolismo e a representatividade que esses espaços possuem para a sua compreensão. Tratam-se de formas materiais que possuem uma forte conotação simbólica para a cidade, na medida em que possibilitam contar o modo como ela evoluiu ao longo das décadas. Isso pode ser observado quando se volta o olhar para as feições externas desses locais, que pouco sofreram transformações, em que pese o fato das mudanças ocorridas nos espaços imediatamente próximos (Figura 3).



Figura 3 – Capela São José – Rua Pedro Velho
Fonte: Acervo do Instituto Tavares de Lyra – Macaíba.

Toda essa representatividade também se expressou na influência que os referidos espaços tiveram para a consolidação de alguns topônimos, notadamente para a denominação de alguns logradouros e equipamentos da cidade. Tanto os templos religiosos, estendendo-se aí as tradições ligadas a religiosidade católica, bem como do cemitério influenciaram na forma como alguns lugares foram sendo reconhecidos pelas pessoas ao longo do tempo.

Nesse sentido, uma das principais ruas da cidade recebeu a denominação de “Rua da Conceição” (muitas vezes também denominada Nossa Senhora da Conceição), assim como surgiu a “Rua São José” (atual Pedro Velho), a “Rua do Cemitério” (atualmente denominada Governado Dinarte Mariz), a “Rua Campo Santo”⁹ e a “Rua da Cruz”. Outros equipamentos

⁹ É válido resgatar a análise feita por Teixeira (2006, p. 20) acerca dessa denominação e de sua relação com o cemitério: “o distanciamento do cemitério em relação à igreja não representa uma ruptura definitiva e total com a noção do sagrado. [...] Conquanto se trate um equipamento de forte componente secular, vários outros aspectos relacionados ao surgimento do cemitério parecem indicar o contrário, a começar pela denominação freqüente de ‘campo santo’ que lhe é conferida. A expressão é muito significativa. O ‘campo santo’ por excelência era, evidentemente, a igreja. Na impossibilidade de nela manterem-se os sepultamentos, é o seu substituto, o cemitério, que recebe necessariamente as suas prerrogativas”.

também receberam suas denominações tendo como base esses espaços, a exemplo da “Praça da Saudade”, que foi construída na década de 1970 em frente ao cemitério, e da “Praça José da Penha”, que para os habitantes sempre foi reconhecida como a “Praça da Matriz”, mantendo-se essas denominações até os dias atuais.

Ainda que a existência de Macaíba como povoação remonte ao limiar da segunda metade do século XIX, a sua afirmação político-administrativa só ocorreu anos mais tarde, com a criação do município, por meio da Lei provincial nº 801, de 27 de outubro de 1877, enquanto sua vila foi elevada à categoria de cidade por meio da Lei provincial nº 1.010 datada de 05 de janeiro de 1889 (IBGE, 1960). Questões de ordem política com o então município de São Gonçalo, fez com que a elevação do povoado à condição de vila da Macaíba só tenha, de fato, acontecido após a edição da Lei provincial nº 832, de 7 de fevereiro de 1879 (LYRA, 2016a).

Do exame dos textos produzidos sobre a história de Macaíba ou que fazem referência ao período em que se constituiu como cidade (DANTAS, 1985; RODRIGUES, 2006; ALECRIM, 2008; LYRA, 2009a; 2009b; 2009c; 2010c; 2016a; 2016b), pode-se considerar que entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, os limites de ocupação da cidade correspondiam a um espaço que, no sentido sul, chegavam até a margem esquerda do rio Jundiá e pouco se estendia além da margem direita. Em seu livro de reminiscências, Alecrim (2008, p. 48) faz referência à “Rua da Ponte”, local onde “ficavam os quiosques, rústicas construções de madeira” e que se constituía em ponto de encontro de parte da população.

Um elemento que pode ser indicativo para compreender o processo de ocupação na margem direita do rio Jundiá foi a construção, ainda na segunda metade do século XIX, da primeira ponte sobre rio Jundiá (Figura 4).



Figura 4 – Ponte sobre o rio Jundiá – década de 1930.
Fonte: Acervo do Instituto Tavares de Lyra – Macaíba.

Com o objetivo de “atenuar o estado de isolamento de Natal” (RODRIGUES, 2006, p. 58), a referida ponte propiciou o estabelecimento de uma comunicação por terra, que a partir

de Macaíba se estendeu pelas terras pertencentes ao Ferreiro Torto, passando pela comunidade de Guarapes – onde se estabeleceu outro porto fluvial e a casa comercial de Fabrício Gomes Pedroza –, chegando, também, até a capital¹⁰. A consolidação da estrada entre Macaíba e Natal impulsionou a formação das atuais ruas Professor Caetano e Dr. Pedro Matos – esta última também chamada de “Rua da Aliança”. A denominada “estrada de Mangabeira” (que corresponde na atualidade a um trecho da BR 226) se consolidou nas primeiras décadas do século XX como a principal ligação existente entre Natal e o interior do estado, tendo Macaíba como passagem obrigatória.

Sobre a importância dessa estrada, Lima (2006, p. 110) afirma que “a ligação de Natal com Recife e o restante do país, por terra, se fazia pela chamada *antiga estrada de Macaíba*” (grifos do autor). Ao discutir os rumos do processo de expansão urbana de Natal, notadamente do bairro do Alecrim, Costa (2000, p. 116) assevera que o “bairro teve uma expansão rápida, pois, com o acesso para o sertão pela estrada que ligava a Macaíba, passou a ser bairro receptor de pessoas vindas do interior [...]”.

No sentido leste, os limites territoriais do núcleo urbano se encontravam, possivelmente, com as terras que integravam a propriedade denominada de “Fazenda Barra”, que ainda hoje possui como único remanescente a casa que servia de sede da referida propriedade, denominada de “Solar Caxangá”. Para o norte, a ocupação da vila se estendia até o topo de uma elevação existente correspondente a área conhecida como “Barro Vermelho”, nas proximidades da Capela de São José. Atualmente, essa área correspondente a rua Cap. João Lourenço, tendo seu início na parte frontal da Capela São José até a confluência com as ruas do Coité e Elói de Souza. Por fim, na porção oeste, os limites de ocupação se estendiam até o local onde foi edificada a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição (Figura 5).

Tendo como referência os relatos de Alecrim (2008) e Dantas (1985), é possível inferir que algumas características do quadro urbano de Macaíba, nas primeiras décadas do século XX. Descrevendo a realidade da Rua da Conceição, onde se localizava a residência em que nasceu e viveu parte da sua vida, Alecrim (2008, p. 40) destaca:

¹⁰ Sobre a construção da ponte sobre o rio Jundiá, Rodrigues (2006, p. 58) ressalta que “São despendidos 1:000\$000 réis para a obra e os empreiteiros foram Coronel Estevão José Barboza de Moura e o Major Fabrício Gomes Pedrosa, a cada um cabendo a responsabilidade de construir metade da ponte. Não por acaso Fabrício Gomes Pedrosa foi um dos empreiteiros desta obra. Como principal responsável pelo desenvolvimento da praça comercial da Macaíba, a construção de uma ponte no local logo se reverteria em benefícios para seus armazéns”. No livro “História da Cidade do Natal”, Cascudo (2010, p. 311) faz referência a construção do trecho entre Natal e Guarapes: “Em princípios de 1860 o presidente Oliveira Junqueira contratou com o coronel Estevão José Barbosa de Moura, por 4:400\$000 uma estrada que, “partindo do lugar chamado Baldo tenha de percorrer uma chapada livre de areias até o Morro Grande, daí aperfeiçoando-se a estrada atual, vá procurar o vale do Guarapes, onde será fácil ao viandante seguir para o centro pela Macaíba, ou para a cidade de São José”. Essa via de penetração visava facilitar a vinda até o Natal de carros e cavalos carregados com gêneros alimentícios, então de impossível acesso pelas dunas e tabuleiros de areia” (grifos do autor).

No fim da rua, sem calçamento, à direita de quem saísse da casa, estava a Matriz, com o seu pára-raios contando estórias de coriscos; e, à esquerda, no outro fim da rua, encontrava-se o mercado, onde os locatários de armarinho, vendendo chita, mandapolão e zuarte azul, sofriam a concorrência de sírios ambulantes que mascateavam cachemira, cachênê e brim agajota. Próximo à Matriz, havia o sítio do “major” Zé Ribeiro, delegado civil do município [...].

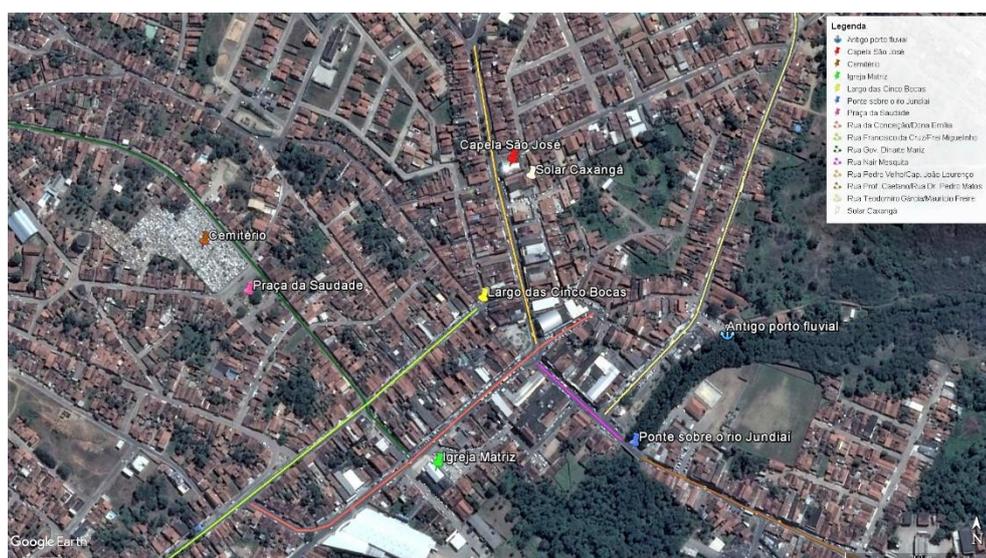


Figura 5 – Área urbana de Macaíba na atualidade

Fonte: Elaboração a partir de imagem do Google Earth Pro (2017).

Outra referência feita pelo referido autor era a Rua do Vintém (atualmente denominada de Rua Frei Miguelinho), “rua calçada de barro vermelho, que se caracterizava pelo lado único de suas casinhas e ainda pelo fato de cada casinha possuir apenas uma janela [...]” (ALECRIM, 2008, p. 41). Da mesma forma, destaca a praça existente na frente do mercado, onde se realizava a feira, que, nas suas palavras, era “um dos episódios mais vivos da minha infância” (ALECRIM, 2008, p. 42). A atividade comercial ainda era um elemento que marcava a dinâmica da cidade, proporcionado pela presença de diversas casas de comércio, como pela efervescência proporcionada pela feira (DANTAS, 1985).

Alecrim (2008) também faz referência a alguns hábitos sociais que se desenrolavam no “Largo das Cinco Bocas”, onde se realizava o “pau de sebo, na “Praça da Matriz”, com o “circo de cavalinhos”, dos passeios na Rua do Pernambuquinho. Nas proximidades da Igreja Matriz, se localizava a “Praça do Corrupio”, assim denominada “por causa da existência de um moinho de vento que puxava água para o tanque do chafariz, ladeada por cerrado e extenso mata-pasto [...]” (ALECRIM, 2008, p. 58-59).

Na medida em que Macaíba tem sua existência firmada a partir das dinâmicas comerciais, outros caminhos foram, como já destacado, se estabelecendo e fazendo a ligação do

seu núcleo urbano até áreas próximas e com outras áreas do território potiguar. Quando se observa o traçado urbano de Macaíba, podemos depreender que o crescimento da cidade se estabeleceu muito lentamente tendo como base a extensão dessas rotas, que ao longo do tempo originou algumas das atuais avenidas e ruas da cidade, tais como: Avenida Jundiaí, Rua Governador Dinarte Mariz, Rua Olímpio Maciel, Rua do Coité, Rua Areia Branca, Rua Elói de Souza, Rua Maurício Freire etc.

Das análises das fontes pesquisadas, pode-se verificar que a forma como o traçado urbano de Macaíba se consolidou ao longo do tempo teve como referência os logradouros mencionados no decorrer deste trabalho. Um aspecto que é importante destacar quanto à disposição desse traçado se relaciona ao fato de que as vias que foram surgindo ao longo do tempo convergiam em direção às ruas que concentravam a dinâmica do comércio, quer seja na sua feira, quer sejam nas casas comerciais que existiam na cidade. Assim, ao longo das décadas, as três principais vias do que, na atualidade, corresponde ao centro da cidade, isto é, a rua da Conceição, a rua Pedro Velho e a rua Nair Mesquita, se firmaram como aquelas que concentraram um grande número de estabelecimentos de comércio e de prestação de serviços.

Considerações finais

Ao longo desse texto, buscou-se levantar alguns elementos que nos ajudam a compreender a formação urbana de Macaíba, a partir da segunda metade do século XIX. Dentre esses elementos destacam-se a sua localização em área de contato entre o litoral e as regiões agreste e sertão do estado; a sua proximidade com o rio Jundiaí, que permitiu o estabelecimento de um porto nas suas margens e dos fluxos de embarcações que transportavam produtos para exportação ao longo do referido rio; como consequência dos movimentos de expansão do povoamento, a formação de diversas propriedades destinadas ao plantio e ao criatório, que serviu de base para o estabelecimento da povoação; e do desenvolvimento da atividade comercial, que proporcionou a vinda de comerciantes de diversos lugares, transformando Macaíba num dos mais importantes entrepostos comerciais do estado no período.

Como já destacado, o comércio foi um fator que deu não apenas as condições efetivas para sua formação como núcleo urbano, mas também para a vinda de um contingente populacional. Dadas as condições em que se realizavam as trocas comerciais no período em questão (segunda metade do século XIX), consideramos que a expansão inicial de Macaíba se deu quase que na sua integralidade na margem esquerda do rio Jundiaí.

A constituição do seu traçado urbano, com a formação das suas primeiras ruas e travessas, do casario, fortemente influenciado pela arquitetura predominante naquele momento, e de outros espaços, a exemplo da Igreja Matriz, da Capela de São José, do Cemitério, da feira, foram fundamentais para a sua afirmação como cidade. Da mesma forma, a expansão da sua área de ocupação foi fortemente influenciada pela existência das diversas rotas terrestres que eram utilizadas para escoamento da produção agropecuária das áreas circunvizinhas e de outras regiões em direção ao seu porto fluvial.

Grande parte das ruas surgidas quando da formação da cidade, integram ainda hoje a paisagem urbana de Macaíba. Observando-se as características e os elementos existentes nesses logradouros na atualidade, é possível observar o movimento das transformações ocorridas pelas dinâmicas sociais ao longo do tempo e de como cada momento econômico e político influenciou a forma como a cidade se inseriu em cada um desses momentos. Pensar essas mudanças históricas e de como todo esse conjunto de formas foi se adequando aos diversos momentos da cidade, nos leva a pensar no conceito de rugosidade de Milton Santos.

O referido autor lembra que em cada lugar “o tempo atual se defronta com o tempo passado, cristalizado em formas” (SANTOS, 2006, p. 140). Assim, as formas herdadas dos momentos iniciais da formação do núcleo urbano de Macaíba podem ser entendidas como rugosidades, isto é, “ao que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares” (SANTOS, 2006, p. 140).

Assim, os elementos constitutivos da paisagem urbana atual se constituem numa superposição de formas herdadas de diversos momentos refletindo o processo social em diferentes contextos históricos, os quais estão evidenciados, não apenas, nas fachadas dos prédios existentes, mas, igualmente, em hábitos cotidianos que atravessaram o tempo e nos traçados das ruas que praticamente não apresentaram maiores transformações ao longo de todo esse tempo, constituindo-se nas vias que integram o centro aos demais bairros da cidade.

Algumas dessas edificações são, na atualidade, propriedades pertencentes a particulares ou ainda abrigam alguns órgãos municipais, como é o caso da Biblioteca Municipal, que funciona no prédio onde viveu a família do escritor Eloy de Souza e da poetisa Auta de Souza; na antiga sede da Prefeitura Municipal, construída na década de 1930, funciona a Secretaria Municipal de Tributação. No entanto, muitas das construções que remetem a esse momento foram parcialmente ou totalmente modificadas.

Da mesma forma, do exame dos elementos que ajudaram na constituição de Macaíba como núcleo urbano, podemos também extrair indicativos de como ela se expandiu, tendo como referência a maneira como arruamentos iniciais foram se estendendo e permitindo

a formação de outras áreas de ocupação que configuram o tecido urbano de Macaíba na atualidade, evidenciando o modo como se deu a produção do espaço urbano ao longo do tempo, produção esta que é resultante das diversas ações empreendidas pela sociedade visando a satisfação dos seus interesses.

Considerations on the urban development and evolution of Macaíba – RN/Brazil (nineteenth-twentieth centuries)

Abstract: This study aims to understand the conditions that allowed the urban development and evolution of Macaíba, a city in Rio Grande do Norte/Brazil, taking into consideration the political, economic and social contexts that took place between the second half of the nineteenth century and beginning of the twentieth century as a reference. It is understood that the development of Macaíba and its settlement, from the existence of a property called “ranch Coité” and its evolution as an urban center is related to the occupation of the lands at the banks of the Jundiá river, dynamics of the commercial activity and the consolidation of the fluvial port, what contributed to the flow of the agricultural production and the movement of traders, changing it into one of the most important commercial centers of the state at the time. The methodological steps that were followed to the development of this study were the bibliographical research, considering the way Macaíba was inserted in the context of Rio Grande do Norte’s space production; and the documental research, through documents and images that depicts the urban life at the period analyzed.

Keywords: City. Landscape. Urban evolution. Macaíba – RN.

Referências

ABREU, Maurício. Sobre a memória das cidades. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.). *A produção do espaço urbano: agentes, processos, escalas e desafios*. São Paulo: Contexto, 2011a. p. 19-39.

ALECRIM, Otacílio. *Província Submersa*. 2. ed. Macaíba: Instituto Pró-Memória de Macaíba; Senado Federal, 2008. 278 p.

ANDRADE, Manuel Correia de. *A terra e o homem no Nordeste: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste*. São Paulo/SP: Cortez, 2005. 334 p.

ARAÚJO, Denilson da Silva. *Dinâmica econômica, urbanização e metropolização no Rio Grande do Norte (1940-2006)*. Recife/PE: Fundação Joaquim Nabuco; Massagana, 2010. 352 p.

AZEVEDO, Aroldo de. Vilas e cidades do Brasil Colonial. *Terra Livre*, São Paulo, n. 10, p. 23-78, 1992.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade. São Paulo/SP: FFLCH, 2007. Disponível em: <http://gesp.fflch.usp.br/sites/gesp.fflch.usp.br/files/Espaco_urbano.pdf>. Acesso em: 31 out. 2017.

CASCUDO, Câmara. *História da Cidade do Natal*. 4. Ed. Natal: EDUFRRN, 2010. 692 p. (Coleção História Potiguar).

CLEMENTINO, Maria do Livramento Miranda. *Complexidade de uma urbanização periférica*. 307f. Tese (Doutorado em Economia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 1990.

COSTA, Ademir Araújo da. *A verticalização e as transformações do espaço urbano de Natal-RN*. 2000. 308f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

DANTAS, Meneval. *Macaíba: imagens, sonhos, reminiscências*. Rio de Janeiro/RJ: Presença Edições; Nata/RN: Fundação José Augusto, 1985. 146 p.

FELIPE, José Lacerda Alves. *Rio Grande do Norte: uma leitura geográfica*. Natal/RN: EDUFRN, 2010. 152 p.

GODOY, Paulo Roberto Teixeira de; BRAY, Silvio Carlos. Considerações sobre o espaço urbano no Brasil. In: GERARDI, Lucia Helena de Oliveira. **Ambientes: estudos de Geografia**. Rio Claro: Programa de Pós-graduação em Geografia – UNESP; Associação de Geografia Teorética – AGETEO, 2003. p. 185-200.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. 5. reimp. São Paulo/SP: Centauro, 2015. 144 p.

LIMA, Pedro de. *Luís da Câmara Cascudo e a questão urbana em Natal*. Natal: EDUFRN, 2006.162 p.

LUCHIARI, Maria Tereza Duarte Paes. A (re)significação da paisagem no período contemporâneo. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. (Org.). **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 09-28.

LYRA, Anderson Tavares de. Fabrício Gomes Pedroza – 200 anos. *História e genealogia*. 26 out. 2009a. Disponível em: <http://www.historiaegenealogia.com/2009/10/fabricio-gomes-pedroza-200-anos_26.html>. Acesso em: 23 jun. 2017.

_____. Matriz de Nossa Senhora da Conceição da Macaíba. *História e genealogia*. 13 ago. 2009b. Disponível em: <<http://www.historiaegenealogia.com/2009/08/matriz-de-nossa-senhora-da-conceicao-da.html>>. Acesso em: 28 jan. 2018.

_____. O cemitério de São Miguel de Macaíba. *História e genealogia*. 08 ago. 2009c. Disponível em: <<http://www.historiaegenealogia.com/2009/08/o-cemiterio-de-sao-miguel-de-macaiba.html>>. Acesso em 28 jan. 2018.

_____. A primeira festa da padroeira de Macaíba. *História de genealogia*. 05 dez. 2010a. Disponível em: <<http://www.historiaegenealogia.com/2010/12/primeira-festa-da-padroeira-de-macaiba.html>>. Acesso em: 28 jan. 2018.

_____. Ferreiro Torto – casa centenária da família Moura. *História e genealogia*. 08 jul. 2010b. Disponível em: <<http://www.historiaegenealogia.com/2010/07/ferreiro-torto-casa-hereditaria-da.html>>. Acesso em: 23 jun. 2017.

_____. Francisco Freire da Cruz. *História e genealogia*. 30 dez. 2010c. Disponível em: <<http://www.historiaegenealogia.com/2010/12/francisco-freire-da-cruz.html>>. Acesso em: 24 jun. 2017.

_____. Macaíba: da fundação a elevação à vila. *História e genealogia*, 26 out. 2016a. Disponível em: <<http://www.historiaegenealogia.com/2016/10/macaiba-da-fundacao-elevacao-vila.html>>. Acesso em: 23 jun. 2017.

_____. Os 140 anos da Capela de São José. *História e genealogia*, 18 mar. 2016b. Disponível em: <<http://www.historiaegenealogia.com/2016/03/os-140-anos-da-capela-de-sao-jose.html>>. Acesso em: 23 jun. 2017.

LYRA, Tavares de. *História do Rio Grande do Norte*. 3. ed. Natal/RN: EDUFRN, 2008. 437 p.

MACAÍBA. Prefeitura Municipal de Macaíba. Lei nº 1343, de 26 de abril de 2007. Institui, como Hino Oficial de Macaíba, a composição de “Camilo Henrique Dantas Soares”, vencedor do concurso público realizado em 08/08/06. *Portal da Transparência de Macaíba*. Disponível em: <http://186.209.105.226/transparencia/arquivos.aspx?id=leis> Acesso em: 08 nov. 2017.

MEDEIROS FILHO, Olavo de. *Os holandeses na Capitania do Rio Grande*. Natal/RN: Sebo Vermelho Edições, 2010. 132 p.

MONTEIRO, Denise Mattos. *Introdução à história do Rio Grande do Norte*. 3. ed. rev. e amp. Natal: EDUFRN, 2007. 218 p.

RODRIGUES, Cristina Moreira. Cidade, monumentalidade e poder. *GEOgraphia*, Niterói/RJ, v. 3, n. 6, p. 42-52, 2001. Disponível em: <<http://www.geographia.uff.br/index.php/geographia/article/viewFile/65/63>>. Acesso em: 17 jan. 2018.

RODRIGUES, Wagner do Nascimento. *Dos caminhos de água aos caminhos de ferro: a construção da hegemonia de Natal através das vias de comunicação (1820-1920)*. 2006. 180 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN, 2006.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2006. 392 p. (Coleção Milton Santos)

_____. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo/SP: EDUSP, 2014. 136 p.

SANTOS, Paulo Pereira dos. *Evolução econômica do Rio Grande do Norte (Século XVI ao XXI)*. 3. ed. Natal/RN: Departamento Estadual de Imprensa, 2010. 583 p.

SILVA, Francisco Anderson Tavares de Lyra. *Augusto Tavares de Lyra em vários tons*. 2012. 146 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN, 2012.

SOUZA, Eloy de. *Memórias*. 2. Ed. Macaíba: Instituto Pró-Memória de Macaíba; Senado Federal, 2008.

TEIXEIRA, Rubenilson Brazão. Igreja e cemitério na província do Rio Grande do Norte: interações entre o sagrado e o profano. *Mercator*, Fortaleza, v. 5, n. 9, nov. 2008. Disponível em: , <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/84>>. Acesso em: 06 dez. 2017.

_____. Terra, casa e produção: repartição de terras na capitania do Rio Grande (1614). *Mercator*, Fortaleza/CE, v. 13, n. 2, p. 105-124, mai./ago. 2014. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/mercator/v13n2/1676-8329-mercator-13-02-0105.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

_____. O rio Potengi e a cidade do Natal em cinco tempos históricos: aproximações e distanciamentos. *Confins [Online]*, n. 23, ano 2015. Disponível em: <<https://confins.revues.org/10114?lang=pt>>. Acesso em: 08 nov. 2017.

VASCONCELOS, Osair. *A cidade que ninguém inventou*. Macaíba: Ed. do autor, 2010. 216 p.

Sobre o autor

Geovany Pachelly Galdino Dantas - Doutorando em Geografia - Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, RN, Brasil. Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), Campus Santa Cruz, RN, Brasil.

Recebido para avaliação em março de 2018
Aceito para publicação em dezembro de 2018